
Português – QUESTÕES de 01 a 06

LEIA CUIDADOSAMENTE O ENUNCIADO DE CADA QUESTÃO, FORMULE SUAS RESPOSTAS COM OBJETIVIDADE E CORREÇÃO DE LINGUAGEM E, EM SEGUIDA, TRANSCREVA COMPLETAMENTE CADA UMA NA FOLHA DE RESPOSTAS.

INSTRUÇÕES:

- Responda às questões, com caneta de tinta AZUL ou PRETA, de forma clara e legível.
- Caso utilize letra de imprensa, destaque as iniciais maiúsculas.
- O rascunho deve ser feito no espaço reservado junto das questões.
- Na Folha de Respostas, observe a numeração das questões e utilize APENAS o espaço correspondente a cada uma.
- Será atribuída pontuação ZERO à questão cuja resposta
 - não se atenha à situação ou ao tema proposto;
 - esteja escrita a lápis, ainda que parcialmente;
 - apresente texto incompreensível ou letra ilegível.
- Será ANULADA a prova que
 - não seja respondida na respectiva Folha de Respostas;
 - esteja assinada fora do local apropriado;
 - possibilite a identificação do candidato.

Questão 01 (Valor: 20 pontos)



(*Outdoor* referente à campanha publicitária da Clínica de Ortopedia e Traumatologia (COT), exposto na cidade de Salvador.)

Faça uma análise do *outdoor*, considerando

- a campanha publicitária em função da atividade do anunciante;
- o aparente paradoxo da mensagem passada ao público-alvo;
- a responsabilidade social da Empresa, implícita no texto verbal.

Questão 02 (Valor: 20 pontos)

A questão da chamada norma (ou língua) padrão voltou a ter certa proeminência nos meios de comunicação social nos últimos anos no Brasil, acompanhando a reentrada em cena do velho discurso de que a língua portuguesa vai (muito) mal no país. (...)

5 - (...) a parcela da população que mais direta e intensamente lida com a cultura escrita tem também uma norma peculiar, isto é, aqueles fenômenos de língua que caracterizam o uso desse grupo social, seja em situações formais de fala, seja na escrita.

10 - Para designar os fatos de língua que este grupo social mais diretamente afeito às atividades de escrita usa correntemente em situações formais de fala e na escrita, costumamos, então, usar a expressão *norma culta*, expressão que, como veremos adiante, não se confunde com norma-padrão.

Há na designação *norma culta* um emaranhado de pressupostos nem sempre claramente discerníveis. O qualificativo "culto", por exemplo, tomado em sentido absoluto pode sugerir que esta norma se opõe a normas "incultas", que seriam faladas por grupos desprovidos de cultura. (...)

15 - Contudo, não há grupo humano sem cultura, como bem demonstram os estudos antropológicos. Por isso, é preciso trabalhar criticamente o sentido qualificativo *culta*, apontando seu efetivo limite: ele diz respeito especificamente a uma certa dimensão de cultura, isto é, à cultura escrita.

20 - Mas a questão das normas não se encerra aqui. A cultura escrita, associada ao poder social, desencadeou também, ao longo da história, um processo fortemente unificador (que vai alcançar basicamente as atividades verbais escritas), que visou e visa à relativa estabilização lingüística, buscando neutralizar a variação e controlar a mudança. Ao resultado desse processo, a esta norma estabilizada, costumamos dar o nome de *norma-padrão* ou *língua-padrão*. (...)

25 - Embora o padrão não se confunda com a norma culta, está mais próximo dela do que das demais normas, porque os codificadores e os que assumem o papel de seus guardiões e cultores saem dos extratos sociais usuários da norma culta. Se esse é um fator de aproximação, é também um fator de tensão, porque o inexorável movimento histórico da norma culta tende a criar um fosso entre ela e o padrão, ficando este padrão cada vez mais artificial e anacrônico, se não houver mecanismos socioculturais para realizar os necessários ajustes.

30 - O caso brasileiro é particularmente exemplar nesse sentido, em especial porque o padrão foi construído, na origem, de forma excessivamente artificial. A codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a norma culta brasileira de então como referência. Bem ao contrário: a elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão um certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do Romantismo (cf. Pagotto, 1998; Faraco, 2002). O modelo não foi, portanto, a língua de Portugal, como muitos pensam, imaginando uma homogeneidade que, de fato, não existe, já que o português de lá é, como qualquer língua, um emaranhado de variedades.

35 - Por trás dessa atitude excessivamente conservadora, além de uma herança da pesada tradição normativa dos países de línguas latinas, está o desejo daquela elite de viver num país branco e europeu, o que a fazia lamentar o caráter multirracial e mestiço do nosso país (aspirando, de modo explícito até a década de 1930, a um "embranquecimento da raça"); e, no caso da língua, a fazia reagir sistematicamente contra tudo aquilo que nos diferenciava de um certo padrão lingüístico lusitano.

40 - FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos (Org.). *Lingüística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 37- 43.

A partir da leitura do texto, comente os conceitos de *norma culta* e *norma padrão* discutidos pelo autor, explicando, inclusive, as origens do padrão brasileiro.

Questão 03 (Valor: 15 pontos)

Naná continua dizendo-me que tentara conversar com Heloísa sobre o assunto, mas que dela veio apenas um silêncio que indicava reprovação por estar intrometendo o nariz onde não era chamada.

Disse-lhe, em favor de Heloísa, que o orgulho da minha mulher explicava muita coisa, aludindo ao fato de que ela passava por uma fase difícil de auto-afirmação. Nesta, era mais importante guardar uma máscara de força, segurança e auto-suficiência, do que deixar com que o outro entrisse o sangue e os destroços do desastre recente.

— Eu sei disso. O que me incomoda é que ela não saiba distinguir uma amiga de uma pessoa a quem se procura com o único intuito de conseguir algo.

— Tudo é hoje uma luta para ela. E, na luta, mesmo o aliado pode ser um espião. Não é agradável para mim dizer essas coisas, mas é a verdade. Tento aclarar a situação dela para você. Ela acorda já com uma carabina debaixo do braço. Todo dia é dia de caça.

— Quando eu abri a minha casa para vocês, não me rendia às armas da guerra, mas às da amizade. Guerra é guerra, eu sei. Solidão é solidão, dor é dor, também sei. Mas guerra, dor e solidão não existem em si e nem como fim. Existem como estágio a ser ultrapassado. Na guerra, procura-se a paz; na solidão, a companhia; na dor, a alegria.

— O horizonte para Heloísa é ainda negro demais para que possa dar-se conta de que é lá que nasce o sol.

— Você está dizendo que ela não vislumbra o menor traço de esperança no futuro?

— Creio que não exagero.

— Tem a vida mais miserável do que pensava.

SANTIAGO, Silvíano. **Em liberdade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 108.

Com base na leitura do romance *Em liberdade*, de Silviano Santiago, faça um comentário sobre o diálogo transcrito, contextualizando-o na obra.

Questão 04 (Valor: 15 pontos)

O ar efeminado de Hermenegildo podia enganar todos, menos o irmão. Nem a mim, pois os dois sabíamos, Ambrósio e eu, que na barriga de Dolores crescia um filho dele. Dolores era uma escrava que coxeava, por ter uma perna dez centímetros mais curta que a outra, e ganhou esse nome porque, no tempo dos portugueses, habitava a cidade uma espanhola que caminhava da mesma maneira e se chamava Dolores. (...)

.....
— Pai, fui eu que engravidei a Dolores.

O meu dono permaneceu de boca aberta, meio atordoado. Depois lançou uma gargalhada como eu não ouvia há muito tempo.

— Tu?

Hermenegildo recuperou as cores, quando ouviu o pai dar a gargalhada. Temia um acesso de fúria. Pelos vistos Ambrósio tinha razão quando lhe dizia que Baltazar até gostaria de saber a verdade.

— Fui eu, sim, pai. Desculpe.

O meu dono saltou da rede. Olhou de frente o filho, talvez pela primeira vez há muitos anos. E lhe deu um abraço apertado.

— Gosto muito de saber que me deste um neto. E esta, hein? Não contava mesmo nada. Catarina! Catarina! Traz a garrafa de cachaça, vamos comemorar.

Aos gritos dele veio a mulher e Matilde. Em seguida, Catarina com a garrafa e cálices. E Rosário e Ana. O feliz avô pediu a Nicolau, já agora diz à Dolores para trazer a criança, temos de combinar o baptizado. Hermenegildo estava encabulado por causa da algazarra alegre que o pai fazia. O meu dono ganhava não só um neto, mas um filho macho. (...)

Rosário aproveitou ir contar a Thor o motivo de tanto reboliço. E ficaram a apanhar um ramo de margaridas e girassóis. As mãos se tocavam ao juntarem as flores, eu bem via as faíscas que saltavam da mão dela para a dele e vice-versa, como acontece com as nuvens carregadas de chuva, à noite.(...)

Os três regressaram imediatamente à senzala, me dando espaço para aproximar da borda da lagoa. Apanhei o colar de unhas de leão, seria útil um dia por causa das feras que vinham beber à noite na lagoa. E então eu vi. O sangue de Thor, boiando à superfície, se transformava em folhas redondas de nenúfares e delas cresciam hastes com flores brancas. Flores brancas como as dos jarros e que exalavam um perfume muito forte. Com um pau consegui puxar uma folha de nenúfar e colhi uma flor. Para oferecer a Rosário. Flor que ela guardaria para sempre.

PEPETELA. **A gloriosa família:** o tempo dos flamengos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p.208; 238-9; 247.

Através do que se revela nos fragmentos acima e do que se narra sobre a família Van Dum no contexto da obra, analise o comportamento do cidadão Baltazar, como homem e como pai, em face do contexto histórico e do relacionamento Hermenegildo / Dolores e Rosário / Thor.

Questão 05 (Valor: 10 pontos)

Fabiano marchava teso.

- Os dois meninos espiavam os lampiões e adivinhavam casos extraordinários. Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada.
- 5 - Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam acostumados a agüentar cascudos e puxões de orelhas. Talvez as criaturas desconhecidas não se comportassem como sinha Vitória, mas os pequenos retraíam-se, encostavam-se

-
- às paredes, meio encadeados, os ouvidos cheios de rumores estranhos.
- 10 - Chegaram à igreja, entraram. Baleia ficou passeando na calçada, olhando a rua, inquieta. Na opinião dela, tudo devia estar no escuro, porque era noite, e a gente que andava no quadro precisava deitar-se. Levantou o focinho, sentiu um cheiro que lhe deu vontade de tossir. Gritavam demais ali perto e havia luzes em abundância, mas o que a incomodava era aquele cheiro de fumaça.
- Os meninos também se espantavam. No mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e sinha Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares. Não conheciam altares, mas presumiam que aqueles objetos deviam ser preciosos. As luzes e os cantos extasiavam-nos. De luz havia, na fazenda, o fogo entre as pedras da cozinha e o candeeiro de querosene pendurado pela asa numa vara que saía da taipa; de canto, o bendito de sinha Vitória e o aboio de Fabiano. O aboio era triste, uma cantiga monótona e sem palavras que entorpecia o gado.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 73-4.

As personagens vivenciam uma situação estranha, se comparada com a do seu mundo de origem.

Explique como se processa o estranhamento à nova realidade e comprove o seu ponto de vista com exemplos do texto.

Questão 06 (Valor: 20 pontos)

Cena 01:

- Ciro : – Dona, aceitei seu convite.
Darlene: – Fez bem, vá entrando.
Ciro: – Boa tarde, senhor. Trabalho com sua esposa na lavoura.
Darlene: – É que o rapaz acabou de chegar e não tem pouso certo, então chamei ele para merendar mais nós.
Zezinho: – Acontece da casa já ter muita gente, mais boca pra comer do que panela pra encher.
Ciro: – O senhor me desculpe, foi sua esposa que ofereceu e eu por mim mesmo não gosto de incomodar ninguém.
Zezinho: – Mas acontece da minha esposa ter o coração maior do que as posses.
Osias: – Como é que é, Zezinho?
Zezinho: – Tava explicando pro moço... Ele é de fora, tá sem pouso... tava explicando que já tem muita gente.
Ciro: – Então tá certo, o senhor me desculpe e a senhora também.
Osias: – Tá explicando errado. A casa é minha e a mulher também e o moço fica.

Cena 02:

- Zezinho: – Eu já tinha até me esquecido... Só me lembrava de tu no meu braço, em sonho...
- Darlene: – Assim Zezinho... Zezinho assim, oh! Muito manso... eu queria que tu pedisse a Osias pra fazer um puxadinho, um quartinho pro Ciro. É que ele quer ir embora, Ciro quer ir embora.
- Zezinho: – Ele já vai é tarde, não devia ter vindo.
- Darlene: – Mas, ele quer me levar mais ele.
- Zezinho: – Levar nada, ele que tente.
- Darlene: – Zezinho, é que eu tô esperando um menino... E é dele. Ele não sabe, eu não contei ainda. Eu não queria não... Eu não pensava ter mais menino nessa vida. Isso até parece um castigo.
- Zezinho: – É... Como é que tu sabe que é dele?
- Darlene: – Hein!
- Zezinho: – Meu é que não é, né mesmo?
- Darlene: – Mas tu tem o teu, não tem? Eu não lhe dei um menino? Hein?

Eu tu eles. Direção: Andrucha Waddington. Intérpretes: Regina Casé; Lima Duarte; Stênio Garcia; Luis Carlos Vasconcelos e outros. Rio de Janeiro: Sony Corporation of América, Culver City – Colúmbia TriStar Comércio Internacional. 2000.

O texto reproduz uma situação do filme *Eu tu eles*, em que a infidelidade é motivo de tensões e conflitos. No romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, as relações fidelidade / infidelidade são, também, tematizadas.

Analise os diferentes modos de sentir e pensar a realidade, a partir dos diálogos e da leitura do romance *Dom Casmurro*.